

Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo.¹

Paulo F. Keller – UFMA

Resumo: O *paper* tem por objetivo apresentar dados de pesquisa e refletir sobre a questão: de que forma a produção e a comercialização de artesanato de tradição se enraíza na sociedade contemporânea revelando facetas e dilemas do capitalismo contemporâneo? Esta reflexão resulta de atividades do Projeto de Pesquisa: “Trabalho e Economia do Artesanato: O caso da produção artesanal a base de fibra de buriti no Maranhão” (Apoio CNPq e FAPEMA). Este projeto tem por meta desenvolver uma investigação social do trabalho e da economia do artesanato no Maranhão contemporâneo e de suas condições e formas de organização (associação e cooperativa) a partir de estudos de caso selecionados. Nossa pesquisa empreende uma investigação social operando com os instrumentais analíticos da sociologia e da antropologia do trabalho e da sociologia e da antropologia econômica. Abordamos as especificidades do trabalho artesanal enquanto produtor de cultura e de mercadoria inserido em economia cultural/criativa, popular e solidária. Em nossa pesquisa realizamos uma “triangulação” de perspectivas teóricas e de instrumentais analíticos das Ciências Sociais e uma triangulação de métodos. Instrumentalizamos o método do estudo de caso, a pesquisa documental, e o trabalho de campo com uso da observação direta e da entrevista semidirigida; e utilizamos a fotografia e o vídeo como instrumento para a coleta de dados (visuais) na pesquisa. Nossos estudos de caso focam quatro grupos de produção artesanal (três associações e uma cooperativa) que utilizam como matéria prima a fibra de buriti nas cidades de Barreirinhas, Tutóia, São Luís e Alcântara no Estado do Maranhão. Partimos da perspectiva de que o trabalho artesanal enquanto uma atividade econômica se encontra enraizado na tradição local e mediado historicamente pela cultura. Assim investigamos experiências de trabalho e de economia de artesanato tanto em seu enraizamento na cultura local e no meio natural quanto sua participação na cadeia de valor do artesanato e sua relação com mercado. Neste *paper* iremos analisar a inserção do trabalho e da produção de artesanato tradicional no ambiente sociocultural, econômico e institucional; e, analisar as mudanças nas formas de organização da produção artesanal. As mudanças nas práticas econômicas do artesanato trazem várias questões: De que forma se dá essa mudança? Quais os principais fatores? Em que medida as políticas públicas e as relações com o mercado mudam e resignificam estas práticas? De que forma os sentidos mercantis e não mercantis se cruzam nestas práticas?

Palavras-chave: Artesão; Artesanato; Maranhão.

¹ Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia – GT 034: Etnografias do capitalismo, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

1. Introdução.

O artesanato é concebido neste trabalho como heterogêneo, complexo e diversificado. Como uma forma de expressão cultural tradicional e contemporânea. O trabalho artesanal no mundo contemporâneo esta, desta forma, envolto em diversas tramas sociais. Assim o trabalho artesanal é um fenômeno social que remete tanto à tradição quanto à contemporaneidade. Envolve diversas dimensões sociais: cultural, econômica e institucional. Aqui neste *paper* iremos debater a imersão do trabalho artesanal em redes de produção e de comercialização presentes na cadeia do produto artesanal – uma forma de rede linear – e seu enraizamento na sociedade e na cultura local.

A atividade produtiva artesanal é milenar. O antropólogo Ricardo Gomes Lima em entrevista destacou que o artesanato: “Durante milênios foi o único modo que se tinha de fazer objetos. O mundo humano foi feito à mão. Se pensarmos no volume de objetos que já se produziu, manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável mesmo, porque acompanha o tempo da própria humanidade.” (LIMA, 2011, p.189).

Para Karl Marx, em *O Capital*, o artesanal “depende da força e da habilidade e do manejo do trabalhador individual ao usar seu instrumento de trabalho”. O artesão é aquele que “executa toda uma série de operações diferentes”. Com o avanço do modo de produção industrial capitalista, Marx aponta um processo de “decomposição da atividade do artesão nas diversas operações que a compõem” (MARX, 1975, p.389). Para Marx (1975) a economia e a ideologia capitalista dissociam o saber do fazer, o trabalho intelectual do manual.

É no mundo moderno, com a produção e o consumo de produtos industrializados, com uma produção em larga escala de produtos padronizados que supri o mercado com produtos mais baratos, que vai ocorrer o declínio das oficinas artesanais. Assim, na sociedade contemporânea a produção artesanal adquire uma natureza precária. As diversas formas de produção social de artesanato caracterizam tanto formas de subsistência social quanto formas de resistência cultural.

A atividade produtiva artesanal esta, no mundo contemporâneo, em grande parte, à margem do processo e da lógica de acumulação de capital. James Scott (apud

SCRASE, 2003, p. 450) diz que o artesanato é uma atividade que frequentemente opera à margem do *mainstream* econômico e governamental.

O documento do Simpósio Internacional da UNESCO sobre “Crafts and the international market: trade and customs codification” (1997) ressalta a natureza peculiar do produto artesanal. Neste documento inicialmente é discutida a questão da “autenticidade do artesanato e a demanda do mercado global”.

O documento debate a viabilidade do artesanato no mercado global; a adaptação ou adequação às compras globais; e, o “inevitável” processo de submeter-se às mudanças nas formas, na função e na produção. O documento da UNESCO apresenta uma questão importante: “Quais mudanças pode o produto sofrer sem destruir sua identidade cultural original?”.

As forças do mercado consumidor global atuam dentro de um processo de mercadorização do produto artesanal. Na sociedade contemporânea o produto industrial padronizado tanto destrói quanto reconfigura o artesão, a produção e o produto artesanal. O que explica a natureza marginal e precária da atividade artesanal na sociedade industrial capitalista contemporânea.

O trabalho artesanal é um fenômeno sociocultural e econômico presente na sociedade contemporânea. Uma atividade produtiva de valor social, cultural econômico exercida em geral de forma informal por grupos de produção espalhados por todo o Brasil e pela América Latina, grupos marcados por relações de família e de vizinhança, formados, em sua grande parte, por mulheres de baixa renda.

Há uma relativa carência de informações sobre a atividade artesanal no Brasil e de seu real impacto cultural e econômico. O trabalho artesanal em grande parte complementa a renda dos artesãos e de suas famílias.

Segundo BORGES (2011, p. 212)

Desde 2001, órgãos do governo vem divulgando a existência de 8,5 milhões de artesãos no país, mas alertando que esse dado é impreciso, porque há um grande número de trabalhadores informais. Trata-se de uma atividade primordialmente feminina: calcula-se que 85% sejam mulheres. Muitas alternam a prática artesanal com outras ocupações, não considerando como sua principal atividade. Outras deixam de se cadastrar nos projetos governamentais de artesanato por medo de perder benefícios como Bolsa Família ou a

aposentadoria, que no caso da agricultura familiar, impede o aposentado de ter outra profissão. Com medo de que alguém as denuncie, as artesãs omitem essa prática.

Mesmo considerando esta estimativa conservadora (8,5 milhões de artesãos), tal dado indica a relevância social e econômica da atividade (BORGES, 2011, p. 213). CANCLINI (2008, p. 215/216) apresenta dados que apontam o crescimento da atividade artesanal na América Latina e fala de suas causas.

Os estudos sobre artesanato mostram um crescimento do número de artesãos, do volume da produção e de seu peso quantitativo: um relatório do SELA calcula que os artesãos dos quatorze países latino-americanos analisados representam 6% da população geral e 18% da população economicamente ativa. Uma das principais explicações do incremento, dada tanto por autores da área andina quanto mesoamericana, é que as deficiências da exploração agrária e o empobrecimento dos produtos do campo impulsionaram muitos povos a procurar na venda do artesanato o aumento de sua renda (...). O desemprego é outro dos motivos pelos quais está aumentando o trabalho artesanal, tanto no campo como nas cidades (...).

Scrase (2003, p. 449) destaca, em seu artigo “Precarious production: globalization and artisan labour in the third world”, a existência e a natureza precária do trabalho artesanal, principalmente em comunidades semirurais e periféricas. As causas das mudanças no artesanato apontadas são: a competição global; a produção em massa de produtos artesanais – industriário; e mudanças na moda e no gosto estético de classes sociais de grande poder aquisitivo.

Para Scrase (2003, p. 449), a globalização da produção exacerbou, mais do que diminuiu o status marginal das comunidades artesãs. Para Scrase “os artesãos vivem uma existência marginalizada, fraturada e precária” (2003, p. 449). A atividade artesanal no mundo contemporâneo faz parte tanto da subsistência e do sustento econômico do artesão quanto ao sustento de identidades e de culturas onde as comunidades de artesãos estão inseridas.

As principais mudanças do artesanato na sociedade contemporânea estão ligadas aos processos de mercadorização do produto artesanal e internacionalização da venda de artesanato. A abordagem da Cadeia da Mercadoria destaca os links na Cadeia Global do Artesanato, em particular, os links entre artesãos e atacadistas e entre artesãos e Lojas de Departamento.

Para SCRASE (2003, p. 453) o mercado de artesanato é controlado firmemente por poucos agentes, é altamente explorador e ganhos insignificantes para os artesãos individuais. Scrase (2003, p. 453) destaca a natureza precária e instável da produção artesanal no terceiro mundo. O sucesso dos produtos artesanais nos mercados nacional e internacional depende dos caprichos da demanda dos consumidores globais.

O antropólogo Rudí Colloredo-Mansfield (apud SCRASE, 2003, p. 451) destaca que muitas comunidades de artesãos buscam nichos de mercado, em uma forma de flexibilização na produção em sua busca por sobrevivência. A competição do capitalismo globalizado afeta e provoca mudanças nas comunidades de artesãos. Colloredo-Mansfield (apud SCRASE, 2003, p. 451) fala das interdependências entre artesãos, comerciantes e lojistas; e ressalta que a desigualdade permanece e que o discurso da competitividade contribui para naturalizar estas desigualdades.

Estes autores citados apontam para um processo social contraditório e até irônico onde temos de um lado o sucesso e a popularidade do produto artesanal e de outro um processo que extingue (em parte) e que, sobretudo, reconfigura a produção artesanal, leva a queda do nível e qualificação e mantém a situação de vida e de trabalho precário dos artesãos.

Scrase afirma que estudos comparativos de trabalhadores artesanais e seus resultados indicam situação de desigualdade por todo o terceiro mundo. Scrase (2003, p. 452) destaca a natureza exploradora da produção artesanal. Afirma que muito desta economia é fragmentada e repetitiva fundada em uma divisão de trabalho intensiva baseada numa divisão de classe e de gênero.

Quais as alternativas para a organização dos trabalhadores do artesanato que atuam na informalidade? Formar um Sindicato ou formar uma Cooperativa? Para Scrase (2003, p. 452) é impossível para eles formar um sindicato. O artesão é considerado um trabalhador autônomo, conforme destaca documento do PAB-MDIC, com todas as vantagens e inseguranças que esta situação envolve. A maioria das pesquisas empreendidas revelaram as vantagens que a formação de uma cooperativa pode trazer para os artesãos, conforme aponta Scrase (2003, p. 457).

Um dos estudos do artesanato tradicional no Brasil publicado pela FUNARTE fala do potencial de formação de uma cooperativa de artesãos, Vera de Vives diz em seu

trabalho “A beleza do cotidiano”: “Favorecer a formação de cooperativas artesanais é também recurso a ser tentado, pois elas desempenhariam, hoje, em certa medida, o papel das corporações medievais (...). A cooperativa pode funcionar para muitas manifestações artesanais” (RIBEIRO, 1983, p. 144).

A formação de cooperativas de artesãos constitui uma importante estratégia para organizar trabalhadores informais do artesanato. Traz a potencialidade de ser um instrumento para melhorar as condições de vida e de trabalho dos artesãos e de fazer frente ao domínio dos comerciantes “atravessadores”.

As mudanças surgem devido a diversos fatores, aqui destacamos, o maior contato com o mercado, a intersetorialidade do artesanato com o mercado do turismo e com o mercado da moda/acessórios, e contato com idéias do mundo econômico capitalista (empreendedorismo) e, impacto de ações de intervenção de políticas públicas e de agências de fomento ao artesanato.

As ações de intervenção das agências e das políticas governamentais visam preservar e valorizar o artesanato. Para Scrase (2003, p. 455), as intervenções governamentais apresentam as seguintes falhas: em reconhecer e promover as necessidades dos trabalhadores do artesanato; em reconhecer os saberes locais; a reprodução das políticas *top-down*; e um processo seletivo (apoio a uns; abandono a outros).

O artesanato no mundo contemporâneo apresenta assim uma identidade híbrida (SCRASE, 2003; CANCLINI, 2008), traz uma tradição cultural em seu objeto embora simultaneamente esteja sendo produzido para um consumidor global ou para o mercado do turismo local. Dentre as múltiplas faces da organização do trabalho no mundo contemporâneo queremos apresentar dados e reflexões sobre as configurações do trabalho e da produção artesanal no Maranhão, suas condições e relações de trabalho como parte da cadeia de valor do artesanato.

2. Metodologia.

Estas reflexões são fruto de investigações empreendidas no projeto de pesquisa *Trabalho e economia do artesanato: O caso da produção artesanal a base de fibra de buriti no Maranhão* (Financiado pelo CNPq/FAPEMA no período 2011/2013). Este projeto tem buscado desenvolver uma investigação social do trabalho e da economia do

artesanato na sociedade contemporânea, com foco nas condições e formas de organização do trabalho, a partir de estudos de caso selecionados de grupos de produção artesanal no Estado do Maranhão. Nossa investigação do trabalho artesanal na sociedade contemporânea tem um caráter teórico e empírico.

Em nossas investigações utilizamos referências teóricas da Sociologia do Trabalho e da Sociologia Econômica por que consideramos importante promover uma triangulação de perspectivas teóricas e metodológicas. As ferramentas analíticas da Sociologia do Trabalho são importantes para analisar temáticas do trabalho artesanal: primeiro a sua natureza artística e técnica; a questão do trabalho informal e do trabalho feminino; as dimensões de materialidade e de imaterialidade na produção do objeto artesanal; a cooperação no trabalho artesanal; e o trabalho artesanal enquanto forma de produção de objeto e de valor social, cultural e econômico.

As ferramentas da Sociologia Econômica são utilizadas para analisar a questão da imersão do trabalho e da produção artesanal na sociedade contemporânea. Para investigar as redes de relações sociais de produção da cadeia de valor do artesanato (em nosso caso de valor tradicional e cultural), em rede de relações com o mercado (artesanato/turismo/moda), em redes de relações interorganizacionais, na medida em que as organizações de artesãos são parte integrante do arranjo produtivo e criativo “Turismo e Artesanato” de São Luis – Maranhão.

Nossa pesquisa é qualitativa e utiliza a metodologia dos estudos de caso. Nossa investigação realiza atividades de trabalho de campo com observação direta nos locais de produção e de comercialização da produção artesanal, e estamos realizando uma série de entrevistas com artesãs, designers, e técnicos das agências de fomento. Também realizamos uma pesquisa documental analisando os termos de referências e planos de ação institucionais de ministérios e de agências de fomento.

Desenvolvemos estudos de caso de quatro grupos de produção artesanal, grupos do artesanato tradicional e cultural e que utilizam a fibra de buriti (fibra vegetal) em cidades que integram o arranjo produtivo local turismo e artesanato (São Luis, Barreirinhas, Tutóia e Alcântara). Na cidade de Barreirinhas, a Cooperativa das Artesãs dos Lençóis Maranhenses – Artecoop; em Tutóia, a Associação das Artesãs do Bairro Monte Castelo; em São Luis, a Associação Buriti Arte; e, em Alcântara, a Associação das Artesãs de Santa Maria.

3. Revisão de literatura: do trabalho e da produção artesanal.

O trabalho e a produção artesanal têm importância social, cultural e econômica. Seja pela capacidade deste segmento econômico de promover a inclusão social por meio da geração de renda e ocupação para pessoas de baixa renda, seja pela capacidade da produção artesanal resgatar valores culturais e regionais.

Os trabalhadores do setor artesanal – sejam eles do mundo urbano ou rural - são considerados trabalhadores autônomos que, em geral, vivem na informalidade e em condições bastante precárias sem acesso a muitos direitos sociais básicos. Uma atividade ainda não regulamentada.

Consideramos que o trabalho artesanal envolve arte e técnica. Assim partimos da concepção marxista de trabalho humano (Marx, 1975) onde fundamentalmente encontramos integradas as habilidades consideradas “criativas” – a capacidade de pensar de forma criativa e de projetar um objeto - e as habilidades consideradas “manuais” – a capacidade de realizar ou executar o objeto projetado.

Assim o trabalho artesanal enquanto trabalho humano integra arte e técnica, materialidade e imaterialidade. O trabalho artesanal tem uma dupla dimensão cultural e econômica. A antropóloga Rosilene Alvim (1983, p. 49) em importante estudo sobre a arte dos ourives de Juazeiro do Norte (CE) destacou a contemporaneidade do trabalho artesanal:

A relação do artesanato com a tradição faz com que muitas vezes grupos sociais que tiram do artesanato seus meios de existência sejam catalogados como partes de uma sociedade tradicional que se define por oposição a uma sociedade moderna (...). No entanto, ver no artesanato resquícios de uma sociedade tradicional é esquecê-lo como contemporâneo e minimizá-lo em sua importância na medida em que é através das chamadas atividades artesanais que parte significativa da população sobrevive.

O trabalho artesanal é tanto uma forma de sobrevivência, uma atividade produtiva que gera renda em grande parte complementar para inúmeras famílias de baixa renda, quanto é uma atividade que demanda determinadas habilidades e capacidades, aqui consideradas como sendo manuais e criativas. SENNETT (2009) em seu livro explora a imagem da “mão inteligente” para ressaltar as relações entre concepção e execução na atividade artesanal.

O artesanato enquanto uma atividade econômica é diversificada e intersetorial. Em nossos estudos de caso investigamos as relações do artesanato com o turismo e com a moda. Sobre a diversidade do artesanato, Alvim (1983, p. 50) afirma que: “As diferentes realidades que se escondem muitas vezes sob a capa do artesanato são bastante diversas e particulares”.

No artesanato como *modelo idealizado*, segundo Wright Mills (2009, p. 60) aspecto importante é o domínio do artesão sobre todas as etapas do processo de trabalho, ou seja, um único trabalhador exerce todas as funções ou mesmo que execute uma tarefa ele tem consciência de sua parte no todo:

O que é realmente necessário para o trabalho-como-artesanato, contudo, é que o vínculo entre o produto e o produtor seja psicologicamente possível; se o produtor não possui legalmente o produto, deve possuí-lo psicologicamente (...). O artesão tem uma imagem do produto acabado, e mesmo que não o faça inteiro, vê o lugar de sua parte no todo e, por conseguinte, compreende o significado de seu esforço em termos desse todo.

Estas reflexões teóricas são importantes para ressaltar que o trabalho do artesão não se define apenas pelo uso das mãos ou se reduz ao simples trabalho manual. O trabalho do artesão envolve capacidade de projetar e de criar objetos a partir de elementos da cultura e envolve domínio do fazer ou domínio do labor, domínio do plano artesanal, ou, a arte do saber fazer aquele artefato em particular. Em nossa abordagem o fazer artesanal envolve um processo produtivo e criativo.

A produção artesanal no mundo contemporâneo está imerso em relações de produção, de comercialização e de consumo capitalistas. Aqui consideramos importante refletir sobre o trabalho e a produção artesanal inseridos em processo de produção capitalista.

Assim, buscamos refletir, de forma conjunta, tanto o processo de trabalho, a produção de objetos artesanais, integrando diversas atividades de trabalhos em uma cadeia produtiva, quanto o processo de produção de valor, a produção artesanal enquanto produtora de objetos dotados de valores culturais e simbólicos e valores mercantis.

O documento *Economia da Cultura* do Ministério da Cultura do Brasil (PORTA, 2008) afirma que “atuam no país 320 mil empresas voltadas à produção cultural, que

geram 1,6 milhão de empregos formais”. Segundo este documento “A atividade cultural mais presente nos municípios é o **artesanato** (64,3%), seguida pela dança (56%), bandas (53%) e a capoeira (49%)”.

Para muitos analistas, nos dias atuais, a produção artesanal atenderia a novos nichos de mercado, a partir de uma forma de ressurgimento do interesse e da valorização do objeto artesanal e natural por grupos sociais específicos. O artesanato é apontado como um produto diferenciado pela carga cultural e pela identidade societária que carrega, ou, em uma linguagem estritamente econômica, um produto com um valor agregado.

4. Trabalho e economia do artesanato no Maranhão.

Segundo dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais do IBGE (MUNIC/IBGE, 2009) as atividades artesanais nos municípios maranhenses consideradas mais significativas eram de número 506. As atividades artesanais mais significativas nos municípios eram classificadas como: bordado; madeira; culinária típica; barro; material reciclável; fibras vegetais; tapeçaria e couro.

A produção de artesanato a base de fibra de buriti no Maranhão ocorre de forma predominante em grupos de produção familiar e de vizinhança, exercido na sua grande maioria por mulheres, seja no ambiente rural intercalado com a agricultura familiar, seja no ambiente semirural ou próximo de área urbana intercalado com pequenos trabalhos informais. Os trabalhadores artesãos são parte da economia do artesanato assim como da cadeia de valor do produto artesanal. Suas atividades e seus produtos estão interligados a dois outros setores econômicos: a indústria do turismo e a indústria do vestuário (moda).

Trata-se de uma importante fonte de renda para famílias das classes populares. Em geral é uma fonte de renda complementar para grande parte de famílias de artesãos. Contudo, dados de pesquisa revelam situações onde a artesã tinha no artesanato sua única fonte de renda (casos de artesã chefe de família).

Nossa análise parte de estudos de caso de trabalhadores do artesanato tradicional que utiliza matéria prima natural. Nesta realidade destacamos a informalidade e a

precariedade das condições de vida e de trabalho dos artesãos e artesãs, a sua economia substantiva (produzir para viver) e suas estratégias para ter acesso aos direitos sociais básicos.

Muitas artesãs adotam como estratégia para garantir o acesso ao sistema de previdência social a filiação aos sindicatos de pescadores e de trabalhadores rurais. A renda mensal das artesãs (associadas e cooperadas) oscila entre 1 e 2 salários mínimos em períodos de muita demanda ou menor que 1 salário mínimo em períodos de pouca demanda.

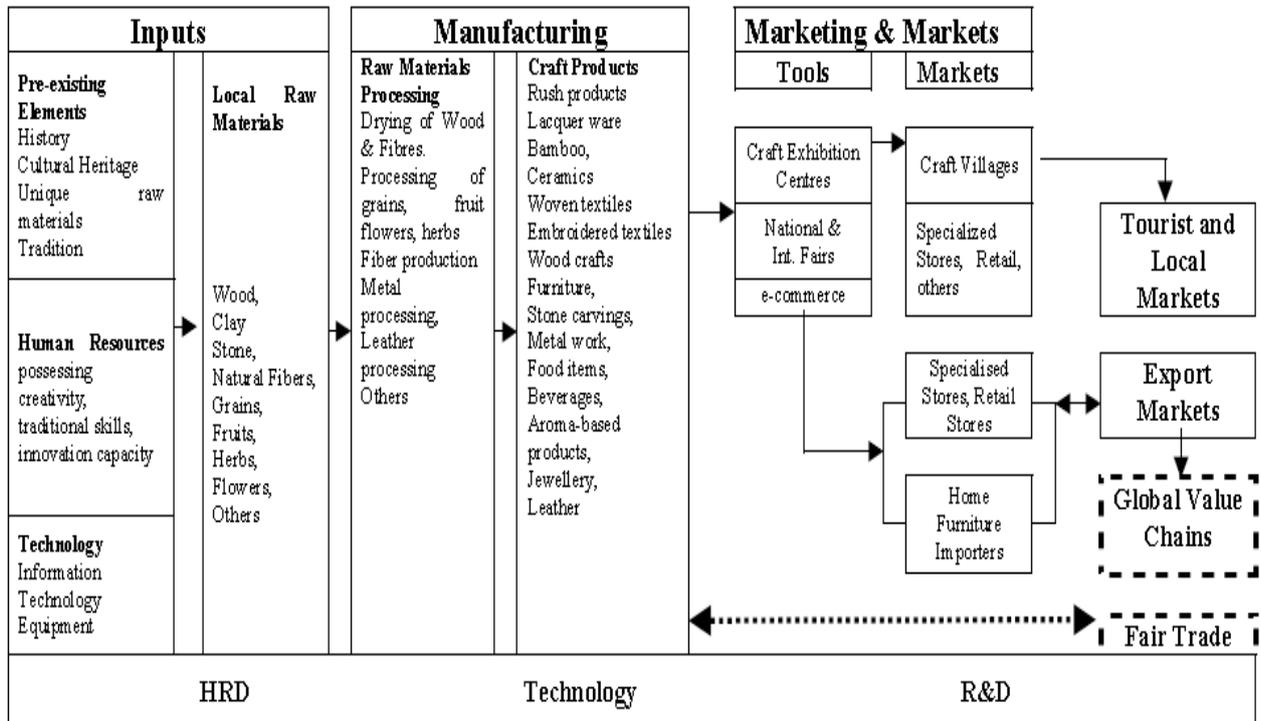
Em nossas investigações destacamos as relações sociais e econômicas das artesãs ao longo da cadeia do produto e sua imersão na sociedade e na economia do artesanato local. Buscamos aplicar a análise da cadeia de valor ou cadeia da mercadoria ao conjunto das relações de trabalho e de produção presente na economia do artesanato. Uma cadeia específica para um produto de valor específico que conjuga diversos valores: social, cultural, simbólico, econômico e mercantil.

As atividades de trabalho e de produção na cadeia de valor do artesanato articulam os três elementos do processo de trabalho (Marx, 1975). O trabalho do artesão com sua capacidade de criar e produzir (“mão criativa”); capacidade de criar o produto a partir de elementos sociais e culturais parte do patrimônio sóciohistórico e cultural coletivo e dos saberes tradicionais; a capacidade de produzir usando técnicas e saberes práticos parte desta herança social e cultural coletiva.

A matéria prima, neste caso a fibra de buriti, uma matéria que é parte do ecossistema natural (buritizais) e parte da cultura local. As tecnologias, as ferramentas e as técnicas do artesão. A matéria-prima principal é a fibra extraída das folhas da palmeira de buriti de onde se extrai o material utilizado para a confecção da maior parte dos produtos fabricados pelas artesãs. As atividades de trabalho que integram o processo de produção do produto a base de fibra de buriti são:

Primeiro, a extração do “olho do buriti” (ou broto da palmeira); Segundo, a extração do linho ou fibra; Terceiro, o beneficiamento do linho; Quarto, o tingimento; Quinto, a produção ou confecção das peças utilizando diversas técnicas artesanais (ver figura da cadeia de valor do artesanato abaixo).

Figure 1.1 The Crafts Value Chain



Fonte: UNIDO (2002).

Os saberes e habilidades destes trabalhadores são transmitidos de geração para geração no seio das famílias e na comunidade local. As atividades de extração do “olho” (broto) da palmeira do buriti são realizadas em sua grande maioria por homens os extrativistas que atuam na total informalidade. Há uma clara divisão sexual do trabalho nesta produção artesanal. Os homens extraíndo a matéria prima da natureza (“olho” ou broto da palmeira) e as mulheres produzindo o artesanato (extraíndo e beneficiando a fibra e confeccionando o produto). As relações de troca dos homens extrativistas com as mulheres artesãs – para quem eles fornecem e/ou vendem a matéria prima para o trabalho artesanal – envolve a dimensão econômica e cultural. Podem envolver relações de amizade e de vizinhança no interior das comunidades dos povoados, podem ser tanto relações de parentesco quanto relações comerciais.

A atividade artesanal a base da fibra de buriti esta presente em diversos municípios do Maranhão, incluindo Alcântara, São Luís, Barreirinhas, Tutóia. A cidade de Barreirinhas é considerada uma das principais produtoras de artesanato em fibra de

buriti, confeccionando chapéus, bolsas, entre outros produtos. Uma atividade que tem raízes na tradição indígena local e que vem sendo passada de geração para geração, conforme relatado por diversas artesãs:

Eu aprendi por conta própria, algumas coisas por conta própria, agora outras coisas é de geração pra geração. Eu vi a minha mãe tirar “olhinho”, mas ela não botava nós para tirar, só que eu tinha muito interesse de trabalhar. Ela não era aquela mãe que chegava e chamava a gente pra fazer junto com ela. Só que eu tinha muito interesse em trabalhar com o que é meu, aí eu fui vendo, fui tirando, só que antes a gente não fazia crochê, a gente fazia tapete, rede, bolsa, que chamam essa bolsa macramê, essas coisas assim que a gente fazia. As pessoas não procuravam assim, não era bem reconhecido, não era procurado, era bem pouco, só que quando eu cresci com 10 anos, aí eu fiquei trabalhando fazendo rede passou pros 15 anos, 16, eu já fui fazendo crochê por conta própria, aí as pessoas começaram assim a me procurar, me pedir aplicação, aí eu já fui modificando o meu trabalho (Artesã de Barreirinhas).

Eu trabalho com artesanato desde a minha idade de oito anos de idade, trabalhava muito com minha mãe, fazendo sacola tradicional, mesmo, que era sacola mais de coco, não era essas sacolas que a gente tem hoje, e eu trabalhava junto com a minha mãe, com as minhas irmãs, fazendo já o artesanato (Artesã de Barreirinhas).

O que eu aprendi quando era criança a técnica é a mesma. Agora, que eu aprendi a fazer artesanato diferente que é da fibra do buriti mudou muito. Nessa época o artesanato da fibra do buriti a gente só fazia rede pra dormir. Até agora mesmo eu to com a rede mais a minha mãe, era pra eu tirar a rede, mas eu vim pra cá. A gente não fazia bolsa, nem caminho de mesa, nada do que o senhor ta vendo aqui. Era só da fibra do buriti, só rede pra dormir. E depois do turismo, aí a gente começou a trabalhar fazer esses produtos diferentes, as artesãs mesmo começaram a criar. Porque isso aqui, hoje nós temos design, todo ano vem um designer pra criar uma coleção nova, mas antes do design a gente mesmo criava as nossas peças. E a gente foi aprendendo umas com as outras, alguém aprendeu com alguém, e alguém... foi ensinando, né. Eu aprendi com outras artesãs do povoado a fazer o artesanato de buriti (Artesã de Tutóia).

Eu sempre vi a minha mãe trabalhar, que a minha mãe ela fazia rede, fazia peneira, tapiti. Então, eu vi ela fazer. Só que nesse período, eu era a primeira filha, ela tinha os pequenos, trabalhava pra aumentar a renda da família pra ajudar, eu passava mais a cuidar as crianças, mas sempre eu ajudava, na questão de pôr a rede no tear, ela precisava de uma pessoa pra pegar o linho e ir puxando (Artesã de Tutóia).

Segundo relato de artesãs até algumas décadas atrás era bastante comum as artesãs obterem sua matéria-prima através de cooperação dentro da própria família. Nos dias atuais grande parte das artesãs adquire sua matéria-prima, o “olho”, em mercados

locais informais². Após obterem sua matéria-prima as artesãs munidas de suas ferramentas³ extraem a fibra. A extração da fibra consiste em abrir o olho retirando a parte inferior denominada linho ou fibra. O beneficiamento consiste em cozinhar, lavar e secar o linho. O tingimento tem a finalidade de colorir o linho usando-se tinturas naturais obtidas de plantas regionais (urucum, salsa, mangue, entre outras). Os produtos confeccionados pelas artesãs são bolsas, chapéus, sacolas, toalhas, caminhos de mesa, etc. Elas utilizam técnicas como crochê, “ponto batido”, macramê, entre outros.

A comercialização local dos produtos artesanais ocorre nas lojas que ficam na área urbana, onde há movimentação de turistas, nas casas das próprias artesãs ou em pequenos pontos de venda nos diversos povoados. Em grande parte devido à precariedade de condições de vida das artesãs, a prática do escambo – quando a artesã troca seu produto artesanal por produto alimentício por intermédio de um comerciante “atravessador” – ocorria com frequência em diversas comunidades de artesãs, e talvez ainda seja praticado por alguma(s) artesã(s) em algum povoado. Em geral o produto artesanal é desvalorizado e subavaliado pelos comerciantes (intermediários ou “atravessadores”).

A cooperação na produção familiar pode ocorrer entre a artesã e seus filhos e/ou de seu companheiro. É comum a artesã contar com a cooperação dos filhos e/ou do marido na obtenção da matéria-prima principal deste artesanato regional e de tradição, ou seja, subir na palmeira para coletar o “olho” ou broto das folhas jovens da palmeira do buriti (*mauritia flexuosa*). Assim como é comum a artesã contar com a cooperação das filhas na produção, seja na extração e no beneficiamento da fibra, seja na confecção do objeto artesanal. A cooperação na produção artesanal também pode ocorrer entre artesãs que residem no mesmo povoado ou vizinhança, seja dividindo tarefas, seja apenas compartilhando o mesmo espaço de produção.

A relação entre artesãos e designers é parte importante das novas configurações do trabalho artesanal. A relação de trabalho entre artesãs e designers surge no contexto das políticas de fomento do artesanato focadas na revitalização do objeto artesanal e nas tentativas de adequá-lo ao mercado.

² Em janeiro de 2010 um “olho” grande custava para as artesãs entre R\$2,00 e R\$2,50 e um “olho” pequeno podia variar de R\$ 0,50 a R\$1,00.

³ Na extração de linho utilizam uma pequena faca.

Nos últimos anos os grupos de produção artesanal a base de fibra de buriti no Maranhão passaram a contar com a consultoria de designers. Em nossos estudos de caso constatamos a presença de designers em todos os grupos de produção, seja ministrando oficinas, seja atuando como consultor com presença periódica na vida dos grupos.

Constatamos dois tipos de designers: o designer ligado à indústria têxtil e da moda, que vem de grandes centros (Rio e São Paulo) e tem presença temporária (alguns dias) nos grupos de produção (caso dos designers do Projeto Talentos do Brasil do MDA); e, o designer industrial com formação superior, oriundo do próprio Maranhão e que tem presença regular dando consultoria ao grupo (caso dos designers contratados pelo SEBRAE). As artesãs entrevistadas demonstraram um reconhecimento da contribuição que o profissional designer pode trazer para a melhoria da qualidade do produto. As principais críticas das artesãs foram para determinadas formas de trabalho onde a artesã se torna mera executora de projetos desenvolvidos por designers (neste caso o ligado ao mundo da moda).

A formação de associações e de cooperativas como forma de fortalecer os artesãos frente aos comerciantes conhecidos como “atravessadores” (aqueles que não praticam o comércio justo) é um tema destacado por estudiosos da economia do artesanato desde a década de oitenta (ver RIBEIRO, 1983).

BORGES (2011, p.193) destaca que: “Todos os órgãos de fomento vêm estimulando a criação de cooperativas e associações.” Em nossos estudos de caso, o surgimento de associações e de cooperativas de artesãos esta ligada diretamente ao desenvolvimento de atividades de políticas de fomento ao artesanato (principalmente atividades de capacitação do SEBRAE).

Nossos dados de pesquisa mostram que a cooperação na produção artesanal ocorre predominantemente em grupos familiares e de vizinhança. A cooperativa ou associação de artesãs (em geral agregando uma média de vinte artesãs) surge como uma forma de cooperação que articula grupos de produção para a comercialização. A cooperativa ou associação traz diversas vantagens que a artesã isolada não poderia obter: a capacitação, a consultoria, o acesso à informações estratégicas e a diversas outros benefícios que os órgãos de fomento disponibilizam para grupos organizados de artesãos.

Mas, desde o ano de 2001, através de uma ação do SEBRAE que oferecia cursos de capacitação para grupos de artesãs de Barreirinhas e Tutóia, surge uma nova forma de cooperação por meio de associação e de cooperativa de artesãos.

E hoje eu já trabalho com a fibra do buriti mais diferenciado, em 2001 o SEBRAE apareceu aqui em Barreirinhas, depois que o SEBRAE apareceu aqui em Barreirinhas, teve as oficinas, e aí nós juntamos, vimos que só as pessoas trabalhar individual, nas suas casas, não tava rendendo lucro, porque cada qual fazendo sua peça de produto vendia muito pra atravessador, atravessador comprava da gente, humilhava as artesãs, aí eu vi que aquilo ali não tava sendo certo pra gente. Pra eles tava sendo, porque eles ganhavam o dinheiro deles e agente ganhava quase nada, trabalhava muito, se sacrificava muito e a gente não tava ganhando quase nada, o produto era muito barato, muito barato mesmo. (Artesã de Barreirinhas).

Tinha chapéu que a gente chegava a vender por dois reais, um real, um e vinte, e é muito barato e gastava muita fibra também, aí em 2001 o SEBRAE apareceu aqui no Marcelino, a gente tinha um grupo bom, um grupo de vinte e cinco pessoas e começamos a trabalhar juntos, colocamos os produtos aqui na casa das artesãs, aqui no povoado do Marcelino, aqui que você ta vendo os produtos expostos aqui e vendo também a preservação do meio ambiente, que tava sendo muito estragado os buritizais, tava sendo tirado bastante fibra e a gente tava fazendo muito produto e tava sendo destruído muita fruta e hoje a gente já trabalha de um modo mais especificado. A gente teve o apoio do SEBRAE como eu já falei, eles foram dando as oficinas pra gente, pras artesãs, vendo as cores natural que a gente tinha. Nós conhecia só algumas cores. (Artesã de Barreirinhas).

Aí quando foi 2001 o SEBRAE apareceu, aí foi que a gente começou a trabalhar com o SEBRAE em 2001 e a associação foi formada associação em 2003. (Artesã de Tutóia).

As associações e cooperativas no artesanato surgem como forma de forma de fortalecer os artesãos frente aos comerciantes conhecidos como “atravessadores” (aqueles que não praticam o comércio justo). A grande maioria das artesãs nas entrevistas afirma que o principal desafio é vencer o domínio do comerciante “atravessador”.

O principal gargalo de toda a produção artesanal é a distribuição e a comercialização (BORGES, 2011, p. 160). As principais formas de escoamento da produção nos grupos estudados (associações cooperativas) são: a venda direta de seus produtos em loja própria no comércio local (que se beneficia do fluxo de turistas); participação em feiras e exposições; por meio de encomenda. As associações e cooperativas de artesãs enfrentam dificuldades e desafios para gerir a produção e a comercialização.

O número de artesãs que participa de alguma associação ou cooperativa é muito pequeno dentro do universo da economia do artesanato nas regiões estudadas. A grande maioria produz no ambiente familiar e depois vende de forma isolada o produto para o “atravessador”. Este comerciante subvaloriza o produto frente a uma artesã que vive uma situação de vida precária, e que muitas vezes precisa vender imediatamente seu produto para adquirir algum produto alimentício. Assim, a associação ou cooperativa tem a potencialidade de fazer frente à figura do comerciante atravessador. A questão é refletir sobre os obstáculos que a ação cooperada enfrenta na economia do artesanato.

A formação de uma associação ou de uma cooperativa potencialmente traz vantagens para o artesão isolado. Índícios de pesquisa apontam que as cooperativas de artesãs tem papel destacado nos termos de referências das políticas de fomento, assim como é uma exigência legal a promoção de ações de fomento direcionado para associações e não para o artesão isolado.

Diversos impactos das políticas de fomento ao artesanato podem ser observados a partir dos nossos estudos de caso. Em nossa análise destacamos: o surgimento da ação cooperada com a organização das artesãs em cooperativa e associações, ainda que número de artesãs associadas seja muito pequeno; uma maior consciência entre as artesãs cooperadas do preço justo e da importância de preservar os bunitais, uma consciência que pode se multiplicar nos grupos de produção familiar e comunitário que tem relação com o trabalho das associações e cooperativas; uma maior profissionalização das artesãs cooperadas; a introdução da visão empreendedora e a busca de adequação do produto ao mercado. Dados obtidos em nossas pesquisas indicam várias mudanças provocadas pelas ações das políticas de fomento ao artesanato: alterações nas formas de produção e de comercialização, novos insumos, novas relações de trabalho, novos saberes e formas de organização do trabalho.

5. Considerações finais.

Nossos resultados parciais de pesquisa apontam mudanças nas relações de trabalho na cadeia produtiva do artesanato. Temos as relações entre artesãs e extrativistas no início da cadeia produtiva. Cada vez mais as artesãs – principalmente as que vivem no ambiente semirural - passam a comprar seu insumo básico em um pequeno mercado

local informal do “olho” (broto) da palmeira, ao invés de obter esta matéria através da cooperação de um membro da família (marido, filho, outro parente).

Sobre as mudanças no artesanato, as relações de produção de artesanato se alteram em função do impacto do dinamismo econômico que o turismo trouxe para as regiões estudadas, em função dos impactos das ações das agências de fomento e das novas experiências que as artesãs – principalmente as artesãs associadas e cooperadas – vivenciam.

Novas relações de trabalho emergem, tais como, entre artesãs e costureiras. Algumas artesãs dominam a técnica da costura e realizam o acabamento da peça. A busca da melhoria da qualidade do produto - na perspectiva de adequação do produto artesanal ao mercado – produz novas funções, por exemplo, a costura, necessária para fixar o forro e o zíper nas peças artesanais (bolsas), e introduz também a necessidade destes novos insumos.

Sobre o importante tema do controle e poder na cadeia do artesanato. Índícios de pesquisa indicam o relativo domínio do comerciante “atravessador” nas regiões pesquisadas. É importante considerar as condições precárias de vida e de trabalho de grande parte das artesãs do Maranhão. Tal precariedade e informalidade do trabalho torna-se um obstáculo para ações de cooperação e de enfrentamento do poder dos comerciantes que não praticam o comércio justo.

Resultados de pesquisa demonstram condições sociais de trabalho e de vida das artesãs precárias e informais. As artesãs e suas associações e cooperativas enfrentam vários desafios seja na gestão econômica de suas organizações seja a dificuldade de acesso aos direitos sociais básicos, em uma “existência marginalizada e precária” como ressaltou SCRASE (2003, p. 449).

Gostaríamos de destacar que ainda tramita em Brasília no Congresso Nacional o Projeto de Lei No. 7755/2010 que “Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências”. Ou seja, o trabalho de artesão ainda é uma profissão não regulamentada no Brasil. Segundo o documento do PAB – Programa do Artesanato Brasileiro/MDIC – o artesão é um trabalhador autônomo. Dados de pesquisa mostram que as artesãs buscam garantir acesso a direitos sociais básicos, como a aposentadoria, através de

filiação ao sindicato dos trabalhadores rurais (como agricultora) ou sindicato de pescadores (como marisqueira).

As artesãs nas regiões pesquisadas tem, em geral, uma escolaridade formal muito pequena, estão muito pouco organizadas (o número de artesãs que participam das associações e cooperativas é percentualmente pequeno) e estão sujeitas a uma série de condições de trabalho precárias: precariedade das condições de produção, rendimento baixo (em geral abaixo de um salário mínimo) e falta de formalização e de regulamentação da atividade. Estas condições enfraquecem as artesãs frente ao comerciante “atravessador”, este de forma oportunista explora estas condições precárias de trabalho para seu próprio benefício.

Apesar dos esforços das políticas de fomento e do foco na revitalização e na adequação do produto artesanal ao mercado globalizado (com relativo sucesso comercial do produto), a vida cotidiana e as condições de trabalho e de produção de grande parte das artesãs permanecem ainda precárias, inseridas em uma economia que atua a margem do *mainstream* econômico e sem um marco legal.

6. Referências bibliográficas.

ALVIM, M.R.B. Artesanato, tradição e mudança social – Um estudo a partir da “arte do ouro” de Juazeiros do Norte. In: RIBEIRO, Berta et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

BORGES, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5ª.ed. São Paulo:Perspectiva, 2004.

CANCLINI, Néstor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. CANCLINI, Néstor G. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

IPEA/MDIC. Distribuição Espacial da Atividade Artesanal segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais MUNIC/2009 do IBGE. Trabalho elaborado no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica IPEA/IBGE. Brasília: IPEA, 2012.

LIMA, R. G. *Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda*. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.

_____. *Artesanato: Cinco pontos para discussão*. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2005.

_____. *Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima*. Revista Pós-Ciências Sociais. V. 8; N. 15; Jan./Jun. 2012.

MARX, Karl. *O Capital - Crítica da Economia Política*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, Livro 01 – O Processo de Produção do Capital, Vol. 1/2.

MDIC-BRASIL. *Programa do Artesanato Brasileiro*. Brasília: MDIC-SDP, s/d.

MILLS, Wright. O ideal do artesanato. In: *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PORTA, Paula. *Economia da Cultura: Um Setor Estratégico para o País*. Brasília: Ministério da Cultura/PRODEC, 2008.

RIBEIRO, Berta et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

SEBRAE. *Programa SEBRAE de Artesanato – Termo de Referência*. Brasília: SEBRAE NACIONAL, 2004.

_____. *Artesanato: Um negócio genuinamente brasileiro*. Brasília: SEBRAE/NACIONAL, 2008.

SCRASE, T.J. *Precarious production: globalization and artisan labor in the third world*. Third World Quarterly. V. 24; N. 3; pp.449-461; 2003.

SENNETT, R. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

UNCTAD. *Creative Economy Report 2008*. Geneva, Switzerland: United Nations - UNCTAD/UNDP, 2008.

UNESCO. International Symposium on “Crafts and The International Market: Trade and the customs codification”. Manilla, Philippines – 6/8 October 1997.

UNIDO. *Creative Industries and Micro & Small Scale Enterprise Development – A Contribution to Poverty Alleviation*. Vienna, Austria: United Nations Industrial Development Organization, 2002.

WEBER, Max. *História Geral da Economia*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.